



GT 02. Amazônia e Nordeste indígenas: por uma etnologia transversa

Coordenador(es):

Maria Rosário Gonçalves de Carvalho (UFBA)

Florêncio Almeida Vaz Filho (UFOPA - Universidade Federal do Oeste do Pará)

Sessão 1

Debatedor/a: Ugo Maia Andrade (UFS - Universidade Federal de Sergipe)

Trata-se de reeditar o fórum de debates – iniciado há quase uma década nos espaços da RBA e REA – em busca de confluências etnográficas entre sistemas ameríndios na Amazônia e no Nordeste/Leste brasileiro, regiões cujas etnologias tradicionalmente vêm conservando, uma em relação à outra, reservas e antíteses de naturezas conceitual, metodológica e ideológica. Mais que ratificar distinções, cabe procurar as membranas e intersecções entre as etnologias produzidas sobre ambas as regiões, seja, por exemplo, através de pesquisas sobre sociogêneses na Amazônia ou sobre o xamanismo atinente ao complexo do Toré no Nordeste/Leste. Nesse espírito, o GT pretende reunir comunicações interessadas na construção de comparações etnológicas Amazônia-Nordeste/Leste a partir de eixos comuns que modulam relações interindígenas ou entre índios e não índios – sob olhares etnográfico, histórico ou etno-histórico – preservando o espírito salutar de propor alternativas à dicotomia “externalismo X internalismo” que tem balizado a produção antropológica sobre o Nordeste/Leste e a Amazônia indígenas, nas últimas décadas, e que urge problematizar, mediante a criação de um espaço que acolha os distintos contextos etnográficos e as diversas perspectivas teórico-metodológicas que compõem a etnologia indígena no Brasil, assegurando-lhes interação e permanente exercício comparativo. Trabalhos de pesquisadores indígenas serão especialmente bem vindos.

Reflexões acerca das línguas indígenas do Nordeste e sua invisibilização

Autoria: Vanessa Coelho Moraes (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

A maioria das línguas indígenas estudadas no Brasil, concentram-se nas regiões Norte e Centro-Oeste, devido a quantidade de línguas que são faladas constantemente, o que não foi observado no Nordeste, região que acabou sendo conhecida como tendo sua única língua viva o yaathe dos Funi-ô. Infelizmente, alguns cientistas acreditam que se uma língua não tem falantes necessariamente está morta, classificando assim as outras línguas que existem no Nordeste. Contrapondo-se a isso, algumas etnias vêm reivindicando o fato de que possuem uma língua, ainda que não falem cotidianamente. Em diálogo com alguns Kiriri eles têm afirmado que não faz sentido dizer que sua língua está morta. Apesar da maioria não saber se comunicar na sua língua muitos deles conhecem um conjunto de palavras e expressões, embora isso não permite eles conversarem entre si, permite uma maior comunicação com suas entidades sagradas, as quais lhes ensinam a língua no toré e seus usos para se comunicar com seres que habitam as matas e efetivos processos de cura. Eles também aprendem com os mais velhos e em suas escolas com a disciplina língua indígena. Tudo isso revela a vitalidade dessa língua. Através da tese de Leandro Durazzo sobre os Tuxá e de Francisco Costa sobre os Tupinambá, podemos perceber que essas etnias se encontram em situação semelhante à dos Kiriri. Através dos works de Anari Bomfim, percebemos que os pataxós, não conheciam integralmente sua língua, mas hoje já estruturam a gramática do patxohã. Em diálogo com Bartolomeu Pankararu, ele narrou a importância do seu idioma para promoção dos seus ritos. No acampamento dos povos indígenas da Bahia de 2019, pude ver lideranças Tumbalalá solicitando que houvessem pessoas para auxiliá-los em seu processo



linguístico. Assim, como é possível dizer que essas línguas estão mortas diante de etnias que revelam sua vitalidade. Novamente aspectos da identidade dos povos indígenas do Nordeste estão sendo invisibilizados. Antigamente, cientistas afirmavam que não existiam índios no Nordeste. Hoje, vemos movimento semelhante acontecer com suas línguas que devido aos processos de glotocídio são diferentes de outras línguas indígenas, o que não invalida sua existência. É preciso aprender com os estudos de língua indígena já existentes em outras regiões do país, para lidar e auxiliar as etnias do Nordeste com os desafios linguísticos de ampliar o léxico do seu idioma e estruturar uma gramática. Assim, essa apresentação, busca mostrar através do caso Kiriri e de um quadro comparativo com outras etnias, a existência das línguas indígenas do Nordeste e a necessidade de estarmos tão atentos aos seus processos linguísticos quanto dos índios de outras regiões.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: